**NO SILÊNCIO DA VOZ, O FAZER (AUTO) BIOGRÁFICO: NARRATIVA DE**

**EXPERIÊNCIA DE UM SURDO.**

NETO, Ms. Francisco de Acací Viana 1

AGUIAR, Profª. Drª. Ana Lúcia Oliveira 2

COSTA, Msª. Mifra Angélica Chaves da 3

**RESUMO EXPANDIDO**

O presente trabalho apresenta narrativas de experiência de minha vida como surdo na trajetória da escolaridade. Esse estudo objetiva analisar as narrativas (auto) biográficas de um discente surdo, a fim de ativar o processo de formação e (auto) formação do sujeito. A pesquisa é qualitativa, a qual utiliza o método (auto) biográfico, Memória e História Oral. Esta abordagem da pesquisa constitui-se de momentos da memória na tentativa de buscar subsídio junto à sociedade, contribuindo com resultados para esclarecer esse parecer da história de vida, e que permita sinalizar no processo de inclusão, superação de barreiras e de aproximação aos diversos grupos socioculturais no contexto de uma sociedade. A partir da análise dos dados, destacamos os pontos narrativos, os descritivos e levantar dados que possibilitem uma reflexão sobre a minha experiência de vida como surdo e sua repercussão em ambientes escolar e não escolares também, buscando mostrar como as (auto) biografias estão carregadas de sentido e da dimensão inclusiva. A base de observação é considerada a partir do método autobiográfico que nos leva a considerar como numa linha do tempo, do ponto inicial, o nascimento, passando pelas experiências da infância, da descoberta da surdez, das dúvidas da família sobre como educar um filho surdo, a vida escolar cheia de desafios e experiências, o aprendizado adquirido na escola e nas relações sociais com a família e os amigos, as memórias dos mais diversos momentos das fases da vida. Para finalizar, serão construídas algumas conclusões extraídas durante o estudo, apontando possíveis caminhos para pesquisas relevantes na área exposta, relatando a importância de ações inclusivas para a formação e desenvolvimento da pessoa.

**PALAVRAS-CHAVE:** (AUTO)BIOGRAFIA; INCLUSÃO; SURDO.

1. Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação POSEDUC/UERN e atualmente é discente do Curso de Letras-LIBRAS/ Caraúbas pela Universidade Federal Rural do SemiÁrido (UFERSA). E-mail: [acaci\_vian@hotmail.com.](mailto:acaci_vian@hotmail.com) Eixo Temático: II - Educação Especial, Acessibilidade e Tecnologias.
2. Graduada em História pela Universidade Federal de Pernambuco (1974), mestrado em Sociologia pela mesma universidade (2003) e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (2008). Está como diretora da DAIN/UERN. E-mail: [oliveiraaguiarpetro@gmail.com.](mailto:oliveiraaguiarpetro@gmail.com) Eixo Temático: II - Educação Especial, Acessibilidade e Tecnologias.
3. Graduada em Pedagogia pela UERN, mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação- POSEDUC/UERN. Professora da rede pública de ensino de Mossoró/RN. E-mail: [mifraangelica@hotmail.com.](mailto:mifraangelica@hotmail.com) Eixo Temático: II - Educação Especial, Acessibilidade e Tecnologias.

A construção deste artigo foi inspirada em nossas pesquisas de mestrado que tiveram como foco investigativo questões concernentes à memória, formação e (auto) biografia desenvolvidas na área de educação. Um dos empenhos investigativos sistematizados a cautela da memória social é o assunto em evidência ao logo do século XX para o século XXI que se dirige sobre os diversos pontos estabelecidos em que se atravessam entre o homem e a sociedade. Nessa época, o campo das investigações sobre memória assume importância, tendo como discussões teóricas Vygotsky (1997, 2000), Halbwachs (1990), Paulo Freire (1992), que apontam caminhos de pesquisa com conceito entre o individual e o social. A lembrança, para Halbwachs (1990), é reconhecimento e reconstrução. É aquele, na medida em que porta o sentimento do já visto. É este, principalmente em dois sentidos: por um lado, porque não é uma repetição linear de acontecimentos e vivências do passado, mas sim um resgate desses acontecimentos e vivências no contexto de um quadro de preocupações e interesses atuais; por outro, porque é diferenciada, destacada da massa de acontecimentos e vivências evocáveis e localizada num tempo, espaço e conjunto de relações sociais. Para Halbwachs, a memória individual está, irremissivelmente, atrelada à memória coletiva. Esclarece que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (op. cit., p.51), e que esse ponto de vista se altera, conforme o lugar que o indivíduo ocupa na sociedade. Verifica-se que, de uma memória apenas individual, passamos a nos trazer como consequência de uma memória coletiva desenvolvida com percepção diversa sobre um mesmo fato social. Vygotsky (1997) afirma o ser humano ter a tendência natural de buscar a perfeição, mas esse percurso pode tornar-se uma busca por superioridade, como compensação por sentimentos de inferioridade. A maneira como o indivíduo percebe a si e ao o mundo influencia seus processos psicológicos, porque todos os problemas de sua vida precisam ser vistos em seu contexto social. Então, considera-se a valorização social como força motriz do desenvolvimento psíquico, isto porque toda a vida do indivíduo está orientada para ocupar determinada posição na sociedade. Vygotsky (2000) parte do pressuposto da especificidade humana só poder ser explicada em razão do advento do trabalho social, mais detalhadamente da necessidade de organização social para a sobrevivência. Suas ideias, ancoradas nas teses marxistas sobre a constituição do homem, indicam que o funcionamento psíquico de ordem superior (incluindo a memória) está substanciado pelos elos mediadores de organização das ações humanas na natureza. Para ele, a intervenção no ambiente natural promoveu a consolidação de práticas culturais, a criação de instrumentos e a construção coletiva de esferas simbólicas para representar e interpretar o mundo. Por meio da linguagem e da palavra, por exemplo, o mundo

passou a ser humanamente pensado, imaginado, percebido, memorizado e narrado. A obra “A

Memória Coletiva”, Halbwachs (1990) parte do pensamento que o homem é, acima de tudo, um ser precisamente social, não isentando a memória a este condicionamento:

[...] responder à objeção mais séria e, aliás, a mais natureza a que nos expomos quando pretendemos que só temos capacidade de nos lembrar quando nos colocamos no ponto de vista de um ou mais grupos e de nos situar novamente em uma ou mais corrente do pensamento coletivo. [...] É por isto que quando um homem entra em sua casa sem estar acompanhado de alguém, sem dúvida durante algum tempo esteve só, segundo a linguagem comum. Mas lá não esteve só senão na aparência, posto que, mesmo nesse intervalo, seus pensamentos e seus atos se explicam pela sua natureza de ser social, e que nenhum instante deixou de estar confinado dentro de alguma sociedade (HALBWACHS, 1990, p.36-37).

Muito se discute a relação entre indivíduo e sociedade, rompendo com uma visão dicotômica de mundo. Para tanto, busca abordar a consciência social, a partir da memória, investindo numa análise que relaciona a lembrança aos contatos e encontros sociais. Desse modo, Halbwachs (1990) propõe analisar a memória numa dimensão interpessoal e o ato de lembrar como vinculado a determinantes e instituições sociais – a família, a classe social etc. As lembranças, portanto, estão atreladas aos modos de inserção nos grupos e ao lugar que se ocupa no grupo – a posição do sujeito que lembra. A memória individual está compreendida na memória coletiva, pois as noções e as imagens construídas subjetivamente são espectros do campo social. Paulo Freire (1992), o qual inspirou com a sua escrita a construção e transformação de sujeitos, a partir da memória, a lembrança da ação vivida e tecida com os outros sujeitos sociais:

Ninguém deixa seu mundo, adentrado por suas raízes, com o corpo vazio e seco. Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência: a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós, um gesto tímido, a mão que se apertou, o sorriso que se perdeu num tempo de incompreensões, uma frase, uma pura frase possivelmente já olvidada por quem a disse. (FREIRE, 1992, p.16).

Pode-se afirmar, com base nesses princípios, o “que” e “como” lembra-se são questões relacionadas ao âmbito social, e essas condições precisam ser investigadas. Ao narrar suas memórias, por exemplo, o sujeito se coloca como autor de sua história, criando a si próprio na e pela linguagem. O propósito deste trabalho é resgatar as memórias e os textos biográficos de surdos sobre seus processos de escolarização, ao afirmar a identidade e referir através das vivências como sujeito surdo formado em Pedagogia, nessa busca constante até estar atualmente numa Pós-Graduação. A pesquisa objetiva investigar as experiências e vivências surdas de uma escola pública do município de Caraúbas/RN. A biografia do narrador é o que

interessa nesse momento, pois, esse escrito trata de um relato sobre a história de vida de um surdo do município de Caraúbas – RN. A pesquisa é um estudo de caso, desenvolvido numa abordagem qualitativa, descritiva e diagnóstica da situação da surdez. Essa requer toda uma análise advinda das subjetividades do sujeito. A História Oral e o método (Auto) Biográfico envolvem e proporcionam, em cada sujeito, um processo de aprendizagem que o auxilia a descrever sua história de vida, envolvendo-o na sua relação pessoal, familiar, profissional. Evocar relatos das experiências vividas e dos seus objetivos de vida alcançados na pesquisa, isso começará com a tessitura da trajetória de vida. A construção desta história tem como relato de experiência de um sujeito surdo em escolas, o qual frequentou em todo o Brasil. Teve início, no ano de 1990 quando passou a residir na capital federal, Brasília/DF, com os seus pais, em escolas adaptadas a sua deficiência. Este escrito é constituído de dois tópicos. O primeiro tópico é intitulado **Lembrar e narrar: destacando modos de relatar a** **experiência**, tem como objetivo valorizar a narrativa e a história de vida dos sujeitos plurais.O segundo momento tratará das **Aproximações da História** **da Educação dos Surdos:** **Breve Retrospectiva**, o qual fará um recorte histórico vivido pelos povos surdo. No último

tópico **Trajetos de Infância na Perspectiva da Inclusão: Memórias, Vozes no Silêncio,**

**Gestos, Pessoas** será apresentada a narrativa do surdo. Esperamos despertar a importância devalorizar a história de vida e a narrativa do outro, pois aprendemos com as vivências dos diferentes sujeitos.

**REFERÊNCIAS**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. HALBWACHS, Maurice**. A memória coletiva.** São Paulo: Edições Vértice, 1990.

VIGOTSKY, Lev Seminovich. **Fundamentos de defectologia: obras escogidas/tomo cinco**. Madrid: Visor, 1997.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_, Lev Seminovich**. Manuscrito de 1929**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 21, n. 71, jul. 2000.